O LUGAR DO ESCRITO DE PROFESSORAS DA ESCOLA NORMAL DE CAETITÉ (1920-1940): A ESCRITA COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA SOCIAL

Gilene Pessoa Correia
Universidade do Estado da Bahia, Caetité, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0009-7801-6882
Endereço eletrônico: gilenecorreia0@gmail.com

Zélia Malheiro Marques
Universidade do Estado da Bahia, Caetité, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5341-5283
Endereço eletrônico: zmmarques@uneb.br

Palavras-chaves: Escola Normal de Caetité; escrita de professoras; História da educação.

INTRODUÇÃO

Este estudo objetiva compreender o lugar do escrito de algumas professoras que atuaram na Escola Normal de Caetité nos anos de 1920 a 1940. Insere-se, no contexto de salvaguarda documental com proposta de uma investigação sobre o papel do escrito, como forma de expressão, organização pedagógica e de resistência social por parte das professoras da Escola Normal de Caetité. Utiliza-se de referencial teórico da História da Educação, da História Cultural e da História da Cultura Escrita em entendimento do modo como leitura e escrita se tornaram práticas educativas e como chegaram a lugares, como o cenário desta pesquisa.

A partir dessa investigação, foram identificados escritos de Helena Lima (Livramento de Nossa Senhora, 23 de agosto de 1904 - Salvador, 10 de abril de 1998), Maria Constância Paranhos Cardoso, Eponina Zita dos Santos Gumes (1906 – 1984), Dulce Araujo, Raquel Pereira Carneiro (1917 – 2008). Para este estudo, no entanto, detivemo-nos, em dois sujeitos da pesquisa: Eponina Zita dos Santos Gumes (1906 -1984) e Raquel Pereira Carneiro (1917 – 2008).

Em consulta ao acervo do Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC), órgão brasileiro responsável pela preservação e manutenção do acervo histórico e documental da

cidade de Caetité, identificamos a Revista de Educação, uma produção da Escola Normal de Caetité, alguns quadros comemorativos de formaturas, o jornal *A Penna* de João Gumes, cartas de mulheres que acompanharam o cotidiano da instância educativa, em destaque, além de outras fontes que nos ajudam a entender a historiografia educacional, discutindo-a na perspectiva de estudiosos, como Galvão (2010), que abordam a educação do Brasil em meio a sérios e desiguais.

A escolha da temática parte de uma inquietação acadêmica pessoal em perspectiva de compreensão de como mulheres de Caetité - Bahia usaram a escrita como forma de construir sua identidade docente e participar do espaço público por meio da educação. Soma-se a isso o nosso propósito de ampliar fontes sobre a temática, neste centenário da Escola Normal de Caetité, como aponta o projeto *Repositório da Escola Normal de Caetité: acervos, memórias e histórias no Alto Sertão da Bahia* (UNEB), que visa preservar e divulgar memórias e contribuições históricas da Escola Normal de Caetité.

Neste centenário (2026), importante ampliar as discussões sobre esse legado educacional, na região, cuja primeira iniciativa indica a Escola Normal, que foi criada, conforme Lei nº 117, de 24 de agosto de 1895 e a sua instalação no ano de 1898, sendo extinta pelo decreto datado de 29 de dezembro de 1903. Cabe-nos, muito além deste centenário, discutirmos melhor essa temática que é de extrema necessidade na atualidade. Afinal, como está a formação educacional na sociedade?

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se, como qualitativa, com abordagem exploratória e documental, conforme Bardin (2006). A abordagem qualitativa é adequada para compreender o lugar do escrito das professoras da Escola Normal de Caetité. O estudo insere-se no contexto de salvaguarda documental, em uso de fontes documentais do acervo do APMC, no período de 1920 a 1940, tendo como fontes principais a Revista de Educação da Escola Normal, o jornal *A Penna,* cartas, fotografias e quadros comemorativos, dentre outros registros, propondo uma investigação sobre o papel do escrito como forma de expressão e organização pedagógica.

O processo metodológico inicial envolveu práticas de salvaguarda documental, catalogação e leitura crítica das fontes. Em parceria com a equipe de salvaguarda do APMC, procedeu-se, a partir do acondicionamento do material coletado, para, em seguida, realizarmos a discussão da temática, selecionando as fontes em integração às formas de sociabilidade e de resistência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Escola Normal de Caetité, uma reintegração ocorrida em 21 de abril de 1926, vivência, como dissemos, o seu centenário. Documentos da época, no entanto, indicaram o quanto a comunidade ficou desapontada com a extinção da Escola e o quanto se movimentou, para que houvesse o retorno dessa instituição. Com objetivo alcançado, gradualmente, foi ampliando a formação docente para atender a diversas regiões.

Em salvaguarda de acervos e de diversas ações pela comunicação de histórias e memórias indicativas de diversidade das práticas educativas e de sujeitos, as singularidades se fazem instigantes. O demonstrativo a seguir, apresenta produções de duas das ex-normalistas. A primeira, uma mulher branca e de herança cultural em diálogo com a cultura escrita. A segunda, uma mulher negra, vinda da zona rural da região, tendo como herança cultural a oralidade regional.

Quadro 1 - Ex-normalistas e suas produções

Ex-normalistas	**Título da Produção**	**Publicação**	**Data/Edição**
Eponina Zita dos Santos Gumes	Porque desejo ser professora	Revista de Educação da Escola Normal de Caetité	Ano I – junho de 1927 – N.3
Raquel Carneiro	Discurso	Não publicado (manuscrito)	Dezembro de 1932 - formatura de Raquel

Fonte: elaborado pelas autoras (2025)

Os textos selecionados têm características diferentes. O primeiro é identificado em revista; o outro, um manuscrito. A primeira autora, a ex-normalista, Eponina Zita dos Santos Gumes, filha de João Antonio dos Santos Gumes e Antônia Dulcina Pinto Gumes, indicou vínculo direto com o editor do jornal local, o *A Penna*, o dono da tipografia que editava a

Revista da Educação. Essa professora diplomou-se em 1929 e trabalhou até a véspera de seu falecimento e, em reconhecimento ao legado educacional, recebeu a homenagem pública através de uma instância pública (Escola Municipal Eponina Zita dos Santos Gumes). Sobre o segundo texto, o discurso, a autora, Raquel Pereira Carneiro, foi a primeira mulher negra a se ingressar, na Escola Normal de Caetité naquela época. E então surge a questão: como Raquel, sendo pobre e negra, conseguiu estudar naquela instituição de ensino tão reconhecida e tão direcionada a um público oriundo da burguesia?

Ao analisarmos o contexto, vemos que, de fato, negros e pessoas pobres enfrentavam grandes dificuldades para se inserirem em lugares sociais, como a antiga Escola Normal e no sistema educacional brasileiro como um todo, especialmente durante o período imperial e nos primeiros anos da República. Ações sociais, como as educativas não eram para todas as pessoas. Havia evidente desigualdade de classes, como destaca Besse (1990). Sobre essa temática, vemos a necessidade de continuidade dos estudos.

Não localizamos publicações autorais de Raquel, em plataformas digitais ou repositórios formais, mas seus manuscritos, como o apresentado, representam fontes que o nosso projeto vem mapeando e podem, futuramente, trazer novas contribuições sobre sua experiência discente e docente nesse contexto de exclusão. O discurso proferido por ela durante sua cerimônia de formatura, uma fonte inédita, diz sobre valorização de si e do social; diz sobre conquistas que a permitiram atuar em lugares, anteriormente, de privilegiados. Essa ex-normalista, foi nomeada para lugar vizinho a Caetité, Tanque Novo, e sua trajetória educacional, naquela comunidade, revela significativas histórias e memórias, que precisam ser problematizadas.

CONCLUSÕES

Conclui-se que o estudo da trajetória da Escola Normal de Caetité e das experiências de suas professoras encontra-se em continuidade pelo fazer docente de outros lugares, como a Universidade Pública, que chegou a regiões, como o Alto Sertão da Bahia. Sobre essas

experiências, a própria Universidade precisa discuti-la, como o tema exige, ampliando, por exemplo, a compreensão sobre os processos históricos formativos que indica especificidades.

Pela escrita de normalistas, que, ao longo da história, não se deu somente para o público feminino, memórias e histórias vão dizer sobre identidade pessoal e profissional, dando pistas da reconfiguração de papéis e de produção de novas subjetividades em um cenário de grandes desigualdades e de escassez de recursos educacionais. A relevância da pesquisa reafirma-se na possibilidade de revelar práticas educativas invisibilizadas, através de registros tradicionais de historiografia educacional e pela valorização das experiências femininas. A escrita, assim, permanece como o fio condutor em contribuição para desvendar as complexidades da história da educação baiana a partir, também, de práticas educativas de lugares sertanejos.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Edições 70. (Obra original publicada em 1977). Lisboa: 2006.

BESSE, Susan Kent. **Modernizando a desigualdade:** reconstrução a ideologia de gênero no Brasil, 1914 - 1940. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

CHARTIER, Roger. **As práticas da escrita**. In: ARIÈS, P.; CHARTIER, R. (Org.). História de vida privada. Da Renascença ao Século das Luzes. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 113–155.

GALVÃO, Ana. Maria de Oliveira. **História das culturas do escrito**: tendências e possibilidades de pesquisa. In: MARINHO, M.; CARVALHO, G. T. (org.). Cultura escrita e letramento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 218–248.

MARQUES, Zélia Malheiro. Correspondências de mulheres do alto sertão da Bahia (1844 - 1950) [manuscrito]: práticas de leitura e de escrita. **Tese** (Doutorado em Educação). – Programa de Pós-Graduação em_Educação, Conhecimento e Inclusão Social. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é Privilégio.** 9. ed. Comentada por Marisa Cassi; organização Coleção Clarice Nunes; apresentação Marisa Cassim. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.